

5837

DISSERTAÇÃO

Á CERCA DOS SEGUINTE PONTOS

- I. Será possível nas plantas phanerogamas em relação á sua nutrição a ausencia total de um dos dous aparelhos ou folhar ou radical? Que analogias podem elles ter entre si; qual o caracter distinctivo de suas respectivas funcções e qual a relação e dependencia entre ellas?
- II. Nas gangrenas por excesso ou por falta de acção as mesmas leis pathologicas presidirão á sua formação, e ás diversas phases porque taes molestias passam?
- III. Ensaio da Bibliographia Medica do Rio de Janeiro posterior á creação da Escola de Medicina. Resenha das obras mais importantes de Medicina ou Cirurgia que se tem publicado nesta cidade ou tem sido dadas á luz em outras partes por Medicos ou Cirurgiões seus.

THESE

Apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sustentada
em 4 de Dezembro de 1851

POR

Francisco Xavier da Veiga,

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE,

FILHO DO CONSELHEIRO

BERNARDO JACINTHO DA VEIGA,

Natural da cidade da Campanha (provincia de Minas Geraes).

On doit beaucoup exiger de celui qui se fait
auteur par un sujet de gain et d'intérêt, mais
celui qui va remplir un devoir dont il ne peut
s'exempter, est digne d'excuse dans les fautes
qu'il pourra commettre.

LA BRUYERE.



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B

1851

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR.

O SR. CONSELHEIRO DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

OS SRS. DOUTORES:

1.º ANNO.

F. DE P. CANDIDO	Physica Medica.
F. F. ALLEMÃO, <i>Presidente</i>	Botanica Medica, e Principios elementares de Zoologia.

2.º ANNO.

J. V. TORRES HOMEM	Chimica Medica, e Principios elementares de Mineralogia.
J. M. NUNES GARCIA	Anatomia geral e descriptiva.

3.º ANNO.

J. M. NUNES GARCIA	Anatomia geral e descriptiva.
L. DE A. P. DA CUNHA, <i>Examinador</i>	Physiologia.

4.º ANNO.

J. B. DA ROSA	Pathologia geral e externa.
J. J. DA SILVA	Pathologia geral e interna.
J. J. DE CARVALHO, <i>Examinador</i>	Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.

5.º ANNO.

C. B. MONTEIRO	Operações, Anatomia topographica e Apparehos.
L. DA C. FEIJO, <i>Examinador</i>	Partos, Molestias de mulheres peçadas e paridas, e de meninos recém-nascidos.

6.º ANNO.

T. G. DOS SANTOS	Hygiene e Historia de Medicina.
J. M. DA C. JOBIM	Medicina Legal.

2.º ao 4.º M. F. P. DE CARVALHO	Clinica externa e Anat. Pathologica respectiva.
5.º ao 6.º M. DE V. PIMENTEL	Clinica interna e Anat. Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. M. DE MIRANDA E CASTRO	} Secção das Sciencias accessorias.
F. G. DA ROCHA FREIRE	
A. F. MARTINS	} Secção Medica.
F. FERBEIRA DE ABREU, <i>Examinador</i>	
.	} Secção Cirurgica.

SECRETARIO.

DR. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

A' MEMORIA DE MEU PAI

O CONSELHEIRO BERNARDO JACINTHO DA VEIGA.

Meu Pai! Atravez de innumerados sacrificios tanto vos occupastes sempre com minha educação! Era o continuo pensar de vossas paternaes vigílias o futuro que aguardava vossos filhos; esses cuidados e a sollicitude pelo bem estar de vossa patria enchêrão vossos curtos, mas não inuteis dias; a morte, porém, não consentio que visseis abençoados vossos desejos, a patria feliz, vossos filhos em uma posição em que lhes fosse possível ser uteis a si e aos seus; hoje que recebendo o almejado grão de Doutor em Medicina, entro na sociedade para della ser uma tão interessante parte; hoje que verieis já em mim abençoados por Deos vossos exforços, não me é dado abraçar-vos! Mas se ás almas dos justos lá dos Céos é permitido assistir e gozar nas felicidades dos seus, sem duvida a esta hora de lá me lançareis vossa benção, e rogareis ao Dros dos Christãos pelo

Vosso filho

Francisco.

À MINHA EXTREMOSA MÃI

A Ill.^{ma} Sra. D.

MARIANNA DE PAIVA E VEIGA.

Senhora! Depois de por longos annos serdes esposa fiel e digna, e de accompanhardes constantemente o autor de meus dias pelo escabroso caminho por onde teve elle de atravessar este mundo, ficastes encarregada de numerosa familia; dizendo que com amor e extremos só possíveis da parte de uma Mãi, tendes preenchido vossos deveres, nada mais faço que expôr a pura e simples verdade; recebei pois neste dia para vós de tão suaves gózos, os agradecimentos de vosso filho, e dignai-vos abençoa-lo para que dignamente percorra a vasta carreira que diante de seus tímidos olhos se apresenta.

A MEU TIO

O Ill.^{mo} Sr.

JOÃO PEDRO DA VEIGA.

Senhor! Estando por um sagrado costume sancionado pelos annos, estabelecido neste dia, os Doutorandos memorarem em suas dedicatorias os nomes das pessoas a quem já pelos laços do sangue, já pelos da gratidão, já pelos da amizade, são elles mais estreitamente unidos, eu desconfiaria da minha razão se acaso olvidasse collocar o vosso nome aqui logo depois dos de meus Pais: por todos os laços que acima aponto, sou-vos ligado; faltando-me meu Pai em uma idade em que se tornava sua sollicitude mais necessaria, em vós achei tudo aquillo que a morte acabava de me roubar; deixando elle orphã uma numerosa familia, deu-lhe Deos em vós a continuação dessa vida para nós tão cara. Cumprindo este dever smmmamente grato, encho-me de prazer ao vêr-vos inda cheio de vida dar esperanças de uma longa serie de annos que serão como os passados, sementeado de bellas acções.

Vosso sobrinho

Francisco.

Á MINHA TIA

A Ill.^{ma} Sra. D.

JOAQUINA ROSA DA VEIGA.

Tributo de respeito, gratidão e amizade.

AOS MEUS TIOS E TIAS

E EM PARTICULAR OS SRS.

Lourenço Xavier da Veiga.

Manoel de Paiva Bueno.

A amizade que nos liga é dessas que nem de leve são abaladas pela distancia ou pelo tempo.

AOS MEUS IRMÃOS E IRMAAS

E EM PARTICULAR

A meu irmão o Sr. Bernardo Jacintho da Veiga.

Juntos começámos nossos estudos; circumstancias imperiosas, porém, depressa nos separação; vós vos dedicastes á carreira da Jurisprudencia, eu á da Medicina; oxalá em ambas ellas nos mostremos dignos do nome que herdámos.

AOS MEUS PRIMOS E PRIMAS

E EM PARTICULAR A MEUS PRIMOS OS SRs.

Saturnino Ferreira da Veiga.

Evaristo Ferreira da Veiga.

João Pedro da Veiga, sobrinho.

Francisco de Assis Cavares.

Joaquim Carlos de Azevedo.

A MEUS CUNHADOS E AMIGOS

Os Ill.^{mos} Srs.

VICENTE FERREIRA RODRIGUES.

CANDIDO JOSÉ MARIANNO.

Ao Ill.^{mo} Sr. Francisco José de Souza e sua respeitavel familia.

Fraço tributo de verdadeira amizade.

AO MEU CARO AMIGO

O ILL.^{mo} SR. DR. ANTONIO JOSÉ DE SOUZA.

A amizade que nos une data de hontem; ella durará porém tanto como a vida.

AO DISTINCTO CIRURGIÃO BRASILEIRO E MEU MESTRE

O ILL.^{mo} SR.

MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO,

Cavalleiro da Ordem de Christo, Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro,

Formado em Cirurgia pela Academia Medico-Cirurgica,

Lente de Clinica externa e Anatomia pathologica respectiva da mesma Faculdade,

Primeiro Cirurgião do Hospital da Misericordia, Membro da Imperial Academia de Medicina, etc., etc.

Semper honos, nemenque tuum, laudesque manebunt,
Quæ me cumque vocant terræ.... VIRG.

AOS ILL.^{mos} SRs. DOUTORES

MANOEL DE VALLADÃO PIMENTEL,

LUIZ DA CUNHA FEIJÓ,

Mui dignos Lentes da Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Homenagem ao verdadeiro merito.

Ao Ill.^{mo} Sr. Francisco de Paula Ribeiro de Almeida

E SUA ESTIMAVEL FAMILIA.

Ao Ill.^{mo} Sr. José Ferreira Pires

E SUA AMAVEL FAMILIA.

Ao Ill.^{mo} Sr. Sebastião Pires Ferreira

E SUA ILLUSTRE FAMILIA.

Aproveito esta tão solemne occasião para patentear-vos meus sinceros respeitos.

Ao Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Vigario

MARCOS CARDOZO DE PAIVA.

Sympathia e respeito.

AOS MEUS COLLEGAS E AMIGOS

E EM PARTICULAR

OS ILL.^{mos} SRS. DOUTORES

EUGENIO CARLOS DE PAIVA.

JOSÉ MARIA RODRIGUES REGADAS.

CARLOS FERREIRA DE SOUZA FERNANDES.

JOSÉ FIRMINO VELLEZ.

BENTO MARIA DA COSTA.

JOÃO GONÇALVES COELHO.

FRANCISCO FERREIRA DE SIQUEIRA.

CANDIDO JOSÉ CARDOZO.

ANTONIO JOAQUIM DE MIRANDA NOGUEIRA DA GAMA.

LUIZ AUGUSTO PINTO.

JOÃO NOGUEIRA PENIDO.

Nunca vos esquecerei.

I

SCIENCIAS ACCESSORIAS.

Será possível nas plantas phanerogamas em relação á sua nutrição a ausencia total de um dos dous aparelhos ou folhar ou radical?

Que analogias podem elles ter entre si; qual o character distinctivo de suas respectivas funcções, e qual a relação e dependencia entre ellas?

Baseando Linneo a sua classificação dos vegetaes sobre seus órgãos sexuaes, teve primeiro que tudo de verificar que ha vegetaes que quanto se reproduzão, não o fazem pelo mesmo mecanismo que outros, não tem, como estes, órgãos sexuaes. Chamando a esses cryptogamas e aos outros phanerogamas ou phanegamas, separou assim todos os vegetaes em duas grandes categorias.

O nosso ponto versa sómente sobre os phanerogamas.

Tendo de fallar nas funcções das folhas e raizes dos phanerogamas, para marcharmos com ordem, não havendo funcção sem órgão, devemos,

antes de passar além, tratar da estrutura desses órgãos, o que faremos muito resumidamente.

Chama-se raiz essa parte do vegetal que de ordinario, mergulhada na terra ou n'agua, cresce em sentido opposto ao do caule, e serve para fixar o vegetal absorvendo ao mesmo tempo materias para sua nutrição.

É a raiz em seu primeiro apparecimento composta sómente de tecido utricular: no seu estado de desenvolvimento completo porém, torna-se a sua estrutura mais complicada. Differe essa estrutura segundo pertence a raiz aos dicotyledoneos ou aos monocotyledoneos: vamos tratar della comparativamente com a dos respectivos caules.

Na raiz dicotyledonea a estrutura é a mesma que a do caule correspondente, com algumas differenças porém que passamos a mencionar. Na sua casca não ha stomas: entre seus vasos não se notão verdadeiras trachéas, de sorte que nellas não ha estojo medullar, posto que o professor Richard avance que n'algumas raizes mestras o tem elle visto, indo de encontro a essa sua opinião a de muitos botanicos, entre os quaes mencionaremos o nosso professor: quanto ao mais a sua estrutura é a mesma, nellas existe a mesma disposição por camadas, não sendo porém tão facil a separação entre a casca e a parte lenhosa: não existe nas pequenas fibras radicaes liber.

Na raiz monocotyledonea acontece o mesmo, havendo de notavel uma consideravel differença na disposição dos elementos: a casca difficilmente se separa do resto da raiz: a massa desta é tecido utricular: no centro porém existem alguns feixes de vasos dispostos em circulo mais ou menos perfeitamente; por fóra destes, outros menores marchando de dentro para fóra á maneira de raios: tudo isto entremeiado de tecido utricular; nesses feixes não existem verdadeiras trachéas.

As funcções attribuidas á raiz são: fixar a planta e absorver materiaes para sua nutrição.

Vem citado na obra de Richard o seguinte facto assaz curioso: um *Cactus Peruvianus* existe em uma estufa em Paris: tem as raizes mergulhadas em um volume de tres a quatro pés cubicos de terra nunca renovada nem regada e entretanto apresenta em sua parte aeria um desenvolvimento admiravel: neste vegetal que nutrição lhe pôde ser fornecida pelas raizes? A principio alguma, mas com o tempo a parte alimentar dessa terra que não é regada, tendo-se gasto, essas raizes só podem servir para fixar essa

planta, cuja nutrição toda vem-lhe pela parte aerea: isto é tanto mais rigoroso, quanto tendo sido provado por De Saussure que só podem ser absorvidas substancias dissolvidas n'agua, essa terra que não é regada, pôde ainda ter em si principios nutritivos que são como se não existissem (*).

Em outros casos porém vemos a grande importancia que tem as raizes para a nutrição do vegetal: sabemos de plantas aliás bem diminutas que entretanto são dotadas de uma somma enorme de raizes: sabemos da descoberta de Duhamel que as raizes procurão a terra boa com uma diligencia que pareceria guiada pela razão; ha além disso, observações de plantas definhando por não estar a espongiola em contacto com a agua portadora dos principios nutritivos.

Tratemos agora da folha. É esta um appendice da parte aerea do vegetal, membranoso, de fórma e grandeza mui variaveis. Na sua composição notão-se: epiderme, parenchyma e vasos. A epiderme é uma membrana composta de uma a quatro ordens de utriculos superpostos, achatados, em geral mui adherentes entre si e pouco ás camadas inferiores: não existe nessas cellulas chlorophylla: ha stomas na face e dorso da folha, e ás vezes em numero immenso: se a folha é submersa, não ha nella epiderme nem stomas; se está ella deitada sobre a agua de maneira que a pagina esteja voltada para a atmospheria, então notão-se nesta e só nesta stomas. O parenchyma é constituido por uma massa de tecido utricular, havendo de notavel a chlorophylla que ahi existe, e a disposição e fórma dos utriculos, que em geral sob a pagina são perpendiculares á epiderme, sendo porém no dorso mui irregularmente dispostos, de fórmas variadas e com grandes espaços intercellulares: devemos notar que estes meatos sempre correspondem aos stomas, e se achão cheios de ar: é este parenchyma um prolongamento do envoltorio herbaceo da casca do caule. Os vasos das folhas apresentam diferentes disposições, sobretudo segundo o vegetal é dicotyledoneo ou monocotyledoneo: elles formão as nervuras, veias, &c., que se notão no dorso das folhas: ha ahi verdadeiras trachéas, tubos pontuados, vasos laticiferos e tecido fibroso.

(*) De Saussure vio que uma raiz mergulhada em agua em que havia em suspensão sílica por meio do assucar, não absorveu porção nenhuma daquella, sendo aliás a sílica tão commum nos vegetaes.

Muito variadas são as fórmulas das folhas: ás vezes deixão estas de existir, como ha exemplos na familia das Orobanchaceas, sendo ahi substituidas por escamas: no genero *Cuscuta* das Convolvulaceas, no *Urumbeba* em que os ramos tem a configuração de folhas superpostas umas ás outras: estas considerações fazem admittir o poderem ser dispensadas de existir as folhas, havendo sempre porém nesses casos outras partes que fazem as suas vezes, que, physiologicamente fallando, são folhas.

Tratemos agora da nutrição do vegetal, em que, como veremos, representão as folhas tão conspicuo papel.

A nutrição dos vegetaes não póde ter lugar sem absorpção: é esta de partes liquidas ou dissolvidas n'agua ou de partes gazosas.

Pelas raizes se faz uma grande absorpção, e essa absorpção só tem lugar por meio da espongiosa: é bem sabida aquella experiencia em que, mergulhada a raiz de uma cenoura pela sua parte media, em agua contendo principios nutritivos, a planta definhou: em outra experiencia porém em que estava a raiz em contacto com o liquido só pela espongiosa, a planta desenvolveu-se. É esta a principal função da raiz. Esse liquido absorvido é transmittido á madeira do caule, por onde experiencias tem mostrado que se faz sua ascensão. Diversas hypotheses ha para a explicação dessa ascensão, mais ou menos engenbosas, distinguindo-se entre ellas a de Dutrochet: concordamos porém com Richard que esse phenomeno é devido ao concurso de diversas causas, entre as quaes a capillaridade e a endosmose representão sem duvida os primeiros papeis, sem que contudo possa ser dispensado o soccorro da força vital, da vida, que as vem modificar todas no sentido de seus fins. Chegado esse liquido (seiva) ás folhas, diversos actos tem ahi lugar.

A seiva pela transpiração é privada de parte da sua agua. Esta função das folhas é incontestavel: ahi temos a agua que pela manhã vemos accumulada nas depressões que se notão na pagina das folhas das couves: temos demais a experiencia feita por Muschenbroeck, que interceptou a uma papoula toda a communição com o ar ambiente, cobrindo-a com uma campana de vidro, e cobrindo toda a superficie do vaso que continha a planta com uma lamina de chumbo, no dia seguinte as mesmas gottas de liquido que antes se encontravão forão vistas.

Nas folhas nota-se igualmente uma absorpção auxiliar da das raizes: um ramo separado do tronco e invertido sobre agua, a absorve: em certas plantas

succulentas, nos cactus, por exemplo, que vegetão sobre lugares aridos, donde muito pouca nutrição lhes póde provir por meio das raizes, são as suas folhas e mesmo outras partes verdes que absorvem na atmosphera a agua, a ammonia que durante as trovoadas se forma no ar. Nota-se que durante o calor do dia as plantas murchão: então a transpiração foi excessiva e destruiu-se o equilibrio que deve reinar entre a transpiração e a absorpção: o orvalho porém que as folhas absorvem, vem restabelecer o estado normal da planta e dar-lhe vigor.

As folhas absorvem gases: enquanto o vegetal está exposto á luz solar, o acido carbonico do ar é decomposto, fixa-se o carbono e parte do seu oxigenio é expellida: o resto do ar é transmittido pelas trachéas por todo o vegetal: quando porém está a planta na obscuridade, phenomenos differentes tem lugar: o oxigenio absorvido combina-se no seu interior com o carbono e é nesse estado expellido: igualmente expelle a folha uma porção de acido carbonico absorvido pelas raizes: sempre uma certa quantidade de azoto o acompanha.

Estes actos constituem a respiração do vegetal que goza assim não só da respiração pulmonar como da trachéal, essa que tem lugar por todo o vegetal, por meio da qual a seiva vai pouco a pouco apoderando-se do oxigeno do ar absorvido, como notou Dutrochet analysando esse ar em differentes distancias da folha.

Juntem-se ao que levamos dito as diversas excreções de materias mais ou menos consistentes que tem lugar nas folhas e outras partes aerias do vegetal, e veremos que influenciada por todos esses actos deve a seiva soffrer grandes modificações: essas modificações a habilitão para nutrir o vegetal.

Depois de ter dado este ligeiro esboço dos actos nutritivos que tem lugar no vegetal, vejamos que resposta daremos aos diversos quesitos que constituem o nosso ponto.

1.º Será possivel nas plantas phanerogomas em relação á sua nutrição a ausencia total de um dos dous aparelhos ou folhar ou radical?

Respondemos que physiologicamente considerando a folha, não é possivel a ausencia total desse aparelho, mas que se sómente fallarmos do que se chama folha, póde esta deixar de existir, uma vez que outras partes fação as suas vezes, quer desenvolvendo-se para esse fim e tomando a configuração de verdadeiras folhas, quer nenhuma modificação apresentando:

quanto á raiz, diremos que não nos consta que em phanerogama algum deixe ella de existir: que mesmo nas plantas em que a absorpção só se faz pela parte aerea, e é a raiz unicamente empregada em fixar o vegetal, mesmo suppondo isso possível com rigor, devemos reflectir que mesmo nesses casos nos primeiros tempos, antes que a parte aerea fôsse desenvolvida ao ponto de dar toda a nutrição precisa ao vegetal, e mesmo para que esse desenvolvimento tivesse lugar, indispensavel era a existencia da raiz.

2.º Que analogias podem elles ter entre si; qual o caracter distinctivo de suas respectivas funcções, e qual a relação e dependencia entre ellas?

A esta segunda parte de nosso ponto responderemos que ambos esses aparelhos absorvem principios nutritivos e só existem para a conservação individual do vegetal: um desses orgãos (a folha) é principalmente órgão modificador, e o outro órgão absorvedor: a relação e dependencia entre suas funcções ficão manifestas por todo o expellido neste escripto.



II

SCIENCIAS CIRURGICAS.

Nas gangrenas por excesso ou por falta de acção as mesmas leis pathologicas presidirão á sua formação, e ás diversas phases por que taes molestias passam?

Com quanto tenhamos havido autores que dão á palavra *gangrena* accepção diversa da que nós lhe damos, chamando gangrenas estados anteriores á mortificação de qualquer parte do organismo e sómente sphacelo quando já a mortificação está de posse dessa parte, nós, cingindo-nos á opinião de Grisolle, Vidal (de Cassis), Roche, Sanson, Lenoir e muitos outros, e tambem attendendo á origem da palavra(*), não diremos que uma parte do nosso corpo está gangrenada enquanto ainda é ella susceptivel de voltar ao estado physiologico, ou pelo menos de continuar a viver; para nós a gangrena já traz a idéa de morte definitiva: consideramos portanto gangrena «a morte de qualquer parte molle do organismo, mais ou menos extensa, mais ou menos importante, estado esse a que succede a decomposição putrida, sendo possivel a morte se estender a todo o organismo, mas não sendo incluída essa circumstancia no que para nós significa

(*) Grao em lingua grega significa—comer, devorar—e Gan na lingua celtica significa —inteiramente—.

gangrena»: ella não é uma molestia, não tem phases, a parte ainda pôde vir a ser regida pela vida, ou não mais isso poderá ter lugar, e tem ella de sujeitar-se ás leis geraes que regem os corpos inorganicos.

Mui numerosas e variadas são as causas que podem produzir a gangrena; sobretudo mui notavel é a diversidade de suas importancias: algumas sómente predispoem o organismo mais ou menos fortemente, emquanto que outras, quer ajudadas pelas primeiras, quer por si só quando muito fortes, a produzem immediatamente.

Entre as primeiras contão-se todas as circumstancias capazes de modificar o organismo de varias maneiras, reduzindo-o sempre a estado tal que se se dá uma das causas a que chamamos determinantes, a gangrena se manifesta: por ellas os tecidos perdêrão esse gráo de força necessario para reagir, indispensavel para que diante da causa de morte, a natureza medicatriz por si só, ou ajudada pela arte triumphhe.

Não sendo de nosso intento fazer um tratado completo de gangrena, sómente mencionaremos algumas destas causas predisponentes, como sejam: a infiltração consideravel dos tecidos; a idade muito avançada: o soffrimento habitual de paixões deprimentes; certas profissões como a das lavadeiras que são obrigadas a ter as pernas em uma prolongada maceração; um regimen excessivamente estimulante, que faz com que no individuo que delle usa, qualquer inflammação passa rapidamente por todos os grãos intermedios de gravidade para ir terminar pela morte do ponto atacado; as paralyrias, &c., &c.: mui longo e fastidioso seria enumerar todas essas circumstancias.

Se as causas predisponentes tem valores designaes, nas determinantes é isso ainda mais palpavel, desde a inflammação aguda simples que lentamente caminha para o ponto em que forçosamente ha de a gangrena se manifestar, até á acção instantanea desses alcalis, desses acidos que, apenas em contacto com o organismo, roubão á vida a parte que tocão; neste ultimo caso é tal a rapidez que em rigor a chamar-se esse resultado gangrena, convir-se-ha que o instante que precede a passagem dessa parte da vida á morte, é imperceptivel aos nossos meios de observação.

Mencionemos as principaes causas determinantes; são ellas:

1.º A inflammação aguda simples; 2.º a contusão e a compressão; 3.º a acção physica ou chimica do frio, calorico, alcalis, acidos mineraes e mais substancias escaroticas; 4.º as ligaduras de vasos principaes; e

qualquer causa que impeça a circulação, mais ou menos longe da parte que ha de soffrer a gangrena; 5.º a acção de certas substancias deleterias como venenos, o humor do carbunculo, a ourina derramada nos tecidos, &c., &c.

Alguns autores mencionão o esporão de centeio: nós porém, firmados na opinião de muitos outros, como Roche, Sanson, &c., opinamos que então o que produz a gangrena é a arterite que tal substancia gera, e fica portanto essa causa tacitamente incluída entre as que obrão obstando a circulação em um ponto mais ou menos remoto daquelle em que a gangrena tem de se manifestar.

Como estas diversas causas marchão a produzir a gangrena?

A inflammação aguda simples: chamamos inflammação aguda simples aquella em que, dando-se no tecido atacado os constituintes indispensaveis da inflammação, passa o organismo do perfeito estado de saude a soffrer uma molestia toda local, em que nada ha primitivamente de compressão ou contusão: ahí os fluidos se dirigem para a parte affectada em consequencia do estímulo, porquanto é verdadeira esta sentença — *Ubi stimulus, ibi fluxus* —, o fluido vem augmentar o estímulo e fazer chegar para a parte nova porção de fluidos: estas diversas acções, effeitos e causas ao mesmo tempo, dão em ultimo resultado um accumululo tal na parte, que não é mais possível ahí a circulação, nem o influxo do fluido nervoso, comprimidos como são os nervos que vivificavão esse ponto do organismo em que supponmos se passão estes phenomenos: então tempo chega em que a vida, que é inseparavel de certos actos, abandona essa parte de que portanto se apossa a gangrena.

Exerce-se uma compressão sobre uma superficie mais ou menos consideravel do organismo: não é ella ligeira, antes dá-se immediatamente ou chega gradualmente a ponto tal, que reduz essa parte comprimida ao estado a que a inflammação acima reduzio a parte sobre que actuou, os mesmos phenomenos tem lugar, a gangrena apparece.

A contusão é sempre acompanhada de compressão que póde ser extrema logo em sua apparição: demais, os tecidos são ás vezes dilacerados a ponto tal que violenta inflammação delles se apodera, e a gangrena não tarda.

As substancias escaroticas em contacto com qualquer parte do corpo a decompõem, a matão: a respeito da acção destas substancias que se

apresentão como causas determinantes de gangrena, não desconhecemos que alguma cousa ha a objectar-se; comtudo, comquanto não se possa considerar identico ao das outras causas, o modo de proceder destas, comquanto seja elle especial, como o resultado sempre é o mesmo, nós as incluiremos entre as productoras da gangrena, e a respeito diremos que pela alteração na composição chimica de nossas partes, ellas impedem, tornão impossivel a continuação das funcções, e tanto basta para que a morte, a gangrena se dê.

O frio: por duas maneiras pôde o frio produzir a gangrena; sendo logo em principio tão intenso, que os nossos fluidos parão em seus movimentos, ou no outro caso, á sua acção em menor gráo, um movimento phlogistico tem lugar na parte e a elle succede a gangrena.

O calor: quando fallamos em calor como causa de gangrena, está entendido que é elle em gráo elevado; então ou immediatamente elle carbonisa os tecidos, obra como as substancias escaroticas, ou a sua acção é menos violenta, e a ella succedendo a inflammação, os tecidos por fim morrem.

As ligaduras dos vasos tem por vezes produzido a gangrena nos pontos que por meio delles se punhão em relação com os centros circulatorios: é a gangrena que ás vezes vem destruir todo o effeito que esperava o cirurgião da ligadura a que procedeu, apesar dos diversos meios que para impedi-la empregou: o mecanismo por que tão funesto resultado tem lugar, é de facil comprehensão: é ligada, supponhamos, a arteria principal de uma parte qualquer: para que essa parte continue a viver, é indispensavel que se mantenhão suas relações com o coração, ao menos em certo gráo, é indispensavel que lhe vá sangue e que della volte sangue, seja por onde fôr: a natureza providenciou estabelecendo collateraes; mas casos ha em que, apesar disso, a gangrena apparece, pois que não lhe vai o sangue indispensavel para se manter a vida. Quando ligamos uma arteria principal, de repente impedimos que uma certa quantidade de sangue vá ao ponto para onde é ella destinada: os collateraes dilatão-se para substituir o vaso ligado, mas para isso é preciso tempo, e infelizmente nesse interim a gangrena vem.

Temos de analysar agora a acção de certas substancias chamadas delecterias, que igualmente causão gangrenas. Dá-se em medicina (um pouco

vagamente) o nome de deleteria (de *deleo*, fazer mal) a toda aquella substancia, dotada de uma especie de má vontade para com o organismo.

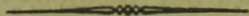
Certos principios deleterios, cuja acção sobre o nosso corpo é tão promptamente seguida de gangrenas, evidentemente não produzem tão funestos effeitos senão pela intensa acção local irritante de que são dotados, taes são as ourinas e fezes derramadas; o ar impuro, viciado pelo accumulo de animaes em espaço pequeno e mal arejado, produz, como se sabe, affecções phlogisticas em que se manifestão frequentemente gangrenas; é debaixo destas e iguaes influencias que se vêm pulmões, estomagos e intestinos em grande parte gangrenados, com uma rapidez terrivel: ninguém ignora a violencia da inflammação que caracteriza o carbunculo e a pustula maligna.

Depois de apresentar este mais que imperfeito quadro e analyse das causas da gangrena, encaremos o que mais directamente constitue o nosso ponto.

As sciencias de observação não avançam sem factos, e factos bem observados: não haverá porém verdadeiramente sciencia senão quando esses factos estudados em si e em suas relações, tiverem sido grupados debaixo de titulos que os encerrem; novos factos depois colhidos virão collocar-se debaixo dessas especies de bandeiras, ou virão derriba-las, e em seu lugar levantar outras que melhor os representem: assim observárão-se uma vez tuberculos no pulmão, e só no pulmão: muitas e muitas vezes o mesmo facto repetio-se: sempre porém que elles forão vistos em outra parte do organismo, existião igualmente no pulmão: uma lei pathologica surgio, e era que sempre que houvessem tuberculos em qualquer orgão que não o pulmão, neste elles existirião igualmente: é esta a idéa que fazemos de lei pathologica. Mui util é nas sciencias o descobrimento de taes leis, embora nem sempre deixe de haver alguma excepção que, porém pela sua raridade, ainda vem em apoio da mesma lei.

Applicando estas considerações á gangrena, diremos: o que immediatamente dá origem á gangrena, o que vemos commum em o modo de acção das variadas causas capazes de dar tal resultado, é a impossibilidade de terem lugar nesse ponto funcções indispensaveis á manutenção da vida, impossibilidade sómente da circulação, e outras vezes impossibilidade da circulação e da innervação: não havendo circulação, não ha composição

nem decomposição, phenomenos inseparaveis da vida, fica essa parte como que fóra da communhão dos outros órgãos, morre: dado isto, como entenderemos gangrenas por excesso ou por falta de acção? De que acção ha ali excesso? Em lugar de percebermos ahi o menor excesso de acção, o que vemos é por este ou aquelle modo faltarem acções indispensaveis á vida, e em consequencia de tal estado apparecer a gangrena. Concluimos portanto ser a mesma lei pathologica a que preside a toda e qualquer gangrena.



III

SCIENCIAS MEDICAS.

Ensaio da bibliographia medica do Rio de Janeiro posterior á creação da Escola de Medicina.

Resenha das obras mais importantes de Medicina ou Cirurgia que se tem publicado nesta cidade ou tem sido dadas á luz em outras partes por medicos ou cirurgiões seus.

PRIMEIRA PARTE.

Este ponto, por sua natureza, deve ser dividido em duas partes: tendo de entrar na 1.^a pedimos d'antemão desculpa pela imperfeição com que é ella tratada, imperfeição motivada já pela nossa inaptidão, já pelas difficuldades com que em nosso paiz ainda é preciso lutar para fazer qualquer trabalho deste genero.

1831 } Semanario de saude publica pela Sociedade de Medicina. Este perio-
1832 } dico, começando em Janeiro de 1831, durou até Junho de 1833.
1833 }

1833. Parecer sobre as medidas de hygiene publica e privada contra a cholera-morbus. Um folheto.

1833. Tratamento das febres intermittentes. Um folheto.
- » Lições de Chimica e Mineralogia por Custodio Alves Serrão. Um folheto.
1834. Ensaio sobre os perigos a que estão sujeitos os meninos quando não são amamentados por suas proprias mãis, pelo Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.
- » Manual do fazendeiro ou Tratado domestico sobre as enfermidades dos negros, pelo Dr. J. B. A. Imbert.
- » Viagens e observações de um Brasileiro, ou Estudos dos tres reinos da natureza em varios lugares e sertões do Brasil.
- » Diccionario medico-pratico para o uso dos que tratão da saude publica &c., por João Lopes Cardoso Machado. (2 vol.)
1835. Medicina Popular pelo Dr. Brierre de Boismont, traduzida do francez.
1835. Medicina domestica ou indicação dos primeiros soccorros que se devem applicar nas molestias e accidentes que subitamente ameação a vida, pelo Dr. Brierre de Boismont, com addições e notas do Dr. Troubat, revista por varios professores nacionaes.
- » Lição oral de clinica externa, feita pelo Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, Lente de Anatomia topographica, medicina operatoria e apparatus da faculdade de Medicina desta côrte, e publicada pelos alumnos de clinica externa.
- » Discurso sobre as molestias que mais affligem a classe pobre do Rio de Janeiro, lido a 30 de Junho, pelo Dr. José Martins da Cruz Jobim.
- » Diario de Saude ou Ephemerides das sciencias medicas e naturaes do Brasil, periodico redigido pelos Drs. Francisco de Paula Candido, José Francisco Sigaud e Francisco Crispinianno Valdetaro. Esta publicação terminou a 16 de Abril de 1836.
1835. Revista Medica Fluminense, jornal da Academia Imperial de Medicina. Este periodico succedeu ao Semanario de Saude Publica, em 1841 tomou o nome de Revista Medica Brasileira, e durou até Maio de 1843. De novo reapareceu em 1846 com o titulo de Annaes de Medicina Brasiliense, em 1849 tomou o nome de Annaes Brasilienses de Medicina, e com este titulo ainda persiste hoje.

1836. Enumeração das substancias brasileiras que podem promover a catarze. Memoria coroadá pela Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro em 1836, por A. L. P. da Silva Manso.
1837. Compendio para o curso de chimica da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Dr. Joaquim Vicente Torres-Homem.
1840. Resumo Historico das molestias que se tratarão no Hospital de Marinha do Rio de Janeiro, desde 1834 até 1839, pelo Dr. F. F. Pereira da Costa.
1841. Manual das molestias dos olhos, offerecido á Sociedade Litteraria, por seu socio João Antonio de Azevedo. 1 vol.
- 1842—1843. Diccionario de Medicina Popular pelo Dr. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. 2 vols. Desta obra já ha uma 2.^a edição publicada em 3 vols. com estampas.
- » Discurso pronunciado por occasião da abertura da aula de Anatomia topographica, pelo Dr. Candido Borges Monteiro.
1843. Manual de percussão e escutação applicadas ao estudo das molestias do pulmão e coração, pelo Dr. Antonio Candido Nascentes de Azambuja.
- » Memoria sobre a febre escarlatina, por I. R. de Mattos.
1844. Archivo Medico Brasileiro. Director e 1.^o redactor o Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa. Terminou esta publicação em Setembro de 1848.
1845. Memoria sobre o estado actual das instituições medicas de França, Prussia e Grãa-Bretanha, pelo Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano. 1 vol.
- » Novo Formulario Geral, ou collecção das melhores e mais usadas formulas dos diversos formularios das pharmacias nacionaes e estrangeiras, por J. P. Reis. 3.^a edição, augmentada com as mais modernas formulas de Bouchardat. 1 vol.
 - » Memoria ácerca da ligadura da arteria aorta abdominal, pelo Dr. Candido Borges Monteiro.
1846. Formulario ou Guia Medica, 2.^a edição. 1 vol., pelo Dr. P. L. N. Chernoviz.
1847. Passatempo escolastico, no qual procura-se dar em dous discursos uma idéa exacta do que deve ser o verdadeiro medico; trata-se de um caso julgado de ferimentos mortaes e refere-se a legislação

do Brasil relativa ao exercicio da medicina e da pharmacia, pelo Dr. José Martins da Cruz Jobim.

1847. O Medico e o Cirurgião da roça, pelo Dr. Luiz Francisco Bonjean (de Chambéry). 2 vol.
- » Nova fórma de apreciar os ferimentos do peito com offensa duvidosa das entranhas. Memoria extrahida da Gazeta dos Tribunaes por um advogado de justiça. 1 folh.
1848. Arte nova de conservar a vista em bom estado até a extrema velhice e de a restabelecer e vigorar quando se enfraquecer, pelo Dr. J. H. R. Parise; traduzida da 3.^a edição, por H. V. de O. 1 vol.
1849. Guia dos dentes sãos, sua estructura, molestias e tratamento desde a infancia até a velhice, por Clinton Van Tuyl. 1 vol.
1850. Algumas palavras sobre a vaccina, pelo Dr. Antonio José Rodrigues Capistrano. 1 folh.
1850. Memoria sobre a febre amarella do Rio de Janeiro, pelo Dr. José Maria de Noronha Feital. 1 folh.
- » Gazeta dos Hospitaes, Repertorio Medico Brasileiro. Redactor o Dr. Carlos Luiz de Saules.
1851. Historia e descripção da febre amarella epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850, pelo Dr. José Pereira Rego.
- » Opusculo sobre a febre amarella do anno de 1850 no Rio de Janeiro, pelo Dr. Roberto Lallemand.
-

SEGUNDA PARTE.

I. Historia e descripção da febre amarella epidemica, pelo Illm.º Sr. Dr. José Pereira Rego.

Lemos este escripto e a idéa que delle formamos é a seguinte:

Julgamos que seu autor não podia adoptar melhor methodo para tratar semelhante objecto: elle segue a epidemia desde os primeiros casos observados até a sua quasi desappareição, já em massa, já no individuo atacado, não o abandonando sem que observe os vestigios por ella deixados no cadaver. Em todas as partes da sua obra é elle bastante minucioso nas razões em que se funda, para avançar tal ou tal idéa, e se em algum ponto não levar a convicção ao espirito do leitor, ao menos terá para isso feito quanto nos é dado, sem ferir susceptibilidades alheias, o que mui louvavel é em uma época em que muita gente julga que o defender-se consiste em offender o seu adversario: por essa obra póde-se perfeitamente estudar todo o occorrido nesta cidade a respeito da febre amarella: mostra demais o Sr. Dr. Rego estar perfeitamente ao facto da sciencia a tal respeito, o que realça muito o valor de sua obra. Julgamos portanto em nosso fraco entendimento ser tal livro digno da acceitação que nos consta tem tido.

2 e 3. Do Illm.º Sr. Dr. Chernoviz conhecemos duas obras: a sua Medicina Popular e o seu Formulario. Comquanto reconhecemos nessas obras que se dirigem principalmente ás pessoas alheias á arte, alguns inconvenientes, quaes os de augmentar a disposição que em grande parte, por culpa dos mesmos Medicos, já existe inveterada no espirito de taes pessoas, a os menosprezarem e a terem-se por entendidos na materia, uma vez que lerão uma ou outra obra, da qual é lhes impossivel muita cousa aproveitar, por falta de conhecimentos previos, e o de ficarem com idéas falsas sobre innumerous pontos, comtudo encontramos na Medicina Popular do Sr. Dr. Chernoviz, verdadeira utilidade em guiar o povo em casos que não admittem a demora de chamar-se o medico, e tambem pelo estado particular

do nosso paiz, onde ainda raras são em certos pontos as pessoas a que possa esse povo recorrer: além disso, scientificamente considerando esse escripto, que por vezes temos consultado, deprehendemos de sua leitura muita intelligencia em seu autor e muito desejo de ser util ao povo brasileiro. Desta obra já deu o autor uma segunda edição muito augmentada, cuja leitura recommendamos aos nossos patricios.

Quanto ao seu Formulario diremos que de muito valor é semelhante obra: não só é de tanta monta (considerado em geral) o objecto de que ella trata, como ahi vem muito bem desenvolvidas as relações entre os nossos pesos e os do systema francez moderno (cuja introdução em nosso paiz de passagem diremos, seria de immensa utilidade); tambem o autor nessa pequena obra apresenta um resumo sobre qual o tratamento exigido por esta ou aquella molestia: achamos nessa obra o uso de muitas plantas medicinaes nossas, embrião de uma materia medica brasileira, e as aguas mineraes no nosso paiz tão uteis para a therapeutica. Merece portanto tal obra nossos elogios.

4. Acabamos de ler o opusculo sobre a febre amarella do anno de 1850, no Rio de Janeiro, pelo Illm. Sr. Dr. Roberto Lallemand. Muito recommendavel se torna este livro pela importancia da materia de que trata, e, mais que tudo, pelo credito que deve merecer no mundo medico a historia de uma epidemia em cuja debellação o autor o Sr. Dr. Lallemand fez tão conspicua figura, e cuja gravidade tão bem esteve elle em estado de apreciar, por isso que esteve á frente de um estabelecimento para onde se recolhia a gente maritima, individuos indigitados pelas suas circumstancias para apresentarem a febre com todo o seu cortejo de symptomas ameaçadores. A parte em que é tratada a questão de ser ella ou não contagiosa, sobresahe pela convicção e estylo nervoso que o autor ahi manifesta, decidindo-se pelo não contagio, firmado em razões a nosso ver mui fortes. Se nós pela sua reputação não conhecessemos já de annos o Dr. Lallemand, bastaria a leitura deste escripto para nos convencer do quanto é elle activo observador. Na sua obra formigão observações individuaes, reforçando as reflexões que sobre este ou aquelle character apresentado pela febre, faz o autor: o seu estylo é o mais poetico que admite tal assumpto, e julgamos que quem já leu o escripto do Sr. Dr. Rego, deve completar sua instrucção a respeito da epidemia que acaba de assolar esta bella cidade, pela leitura do opusculo de que tratamos.

5. Manual de percussão e escutação applicadas ao estudo das molestias do pulmão e coração, pelo Illm. Sr. Dr. Antonio Candido Nascentes de Azambuja.

Não é preciso que elevemos a nossa fraca voz para que os medicos avaliem a importancia do objecto deste Manual, porquanto não é possivel haver homem algum da arte que seja capaz de por um instante vacillar no juizo a fazer sobre os serviços prestados á medicina por estes dous meios de observação. Oxalá que para todas as molestias existissem iguaes meios de estabelecer sobre bases firmes, com um rigor quasi mathematico, o diagnostico, este primeiro passo que deve o medico dar na sua nobre empreza de soccorrer a humanidade! Muito feliz pois foi o Sr. Dr. Azambuja na escolha do objecto sobre que desenvolvesse os talentos que sabemos lhe forão pela natureza doados. A leitura deste Manual muito nos agradou: a ordem que nelle reina é boa: ahi achamos a historia da descoberta desses meios de diagnostico; ahi vem comparados, e muito bem, os diversos processos desses methodos, e com muito criterio combate o autor a tendencia que, em geral, tem os autores das descobertas a generalisarem a sua applicação. Os quadros synopticos que terminão o Manual são de uma utilidade pratica evidente: obras em que extensamente venhão tratados esses objectos ha muitas, mas taboas em que concisa e satisfactoriamente sejam elles estudados, não conhecemos; concluimos portanto tecendo-lhe os devidos encomios.

6. Acabamos de ler a Memoria ácerca da ligadura da arteria aorta abdominal, pelo Illm. Sr. Dr. Candido Borges Monteiro. Se a nossa tarefa nos é de mui difficil execução, quando temos de apresentar uma resenha de obras de medicos ou cirurgiões em quem se não dá a qualidade de serem lentes da escola em que cursamos os bancos, quanto mais difficil se torna ella quando nosso juizo tem de ser patenteado a respeito de escriptos de homens que summamente respeitamos, de homens a quem ouvimos e sempre ouviremos com profunda attenção! A leitura deste escripto do Sr. Dr. Borges Monteiro veio-nos capacitar ainda mais da alta logica, da grande força de raciocinio de que é elle dotado: um objecto de tanta monta, uma questão de tanta transcendencia como esta da ligadura da aorta abdominal, era por sem duvida assaz digna de occupar tão insigne cirurgião. Fôrma sua base a observação de um individuo em que pelo autor foi feita esta ligadura; terminou por autopsia essa

observação, mas o doente durou do dia 5 de Agosto de 1842 até o dia 16 do mesmo mez; as pulsações reaparecerão no tumor depois de ligada a aorta, comquanto a autopsia mostrasse estar a circulação na arteria completamente impedida no ponto ligado; partindo dahi, o autor analysa as tres seguintes questões:

- 1.º A ligadura da aorta será compativel com a vida?
- 2.º Deveria esta operação ter sido praticada no doente de que se trata?
- 3.º Qual é o processo por que devia ella ser praticada?

Apezar de que na 1.º parte alguma cousa haja com que não podemos concordar, comtudo, não sendo de nosso intuito dar uma idéa completa de tal escripto, concluimos dizendo que o autor mostra estar bem competido do verdadeiro character do cirurgião, que deve ser muito circumspecto quando se trata de nada menos que da exclusão de um meio que circumstancias se apresentarão em que possa ser aproveitavel.

7. Discurso sobre as molestias que mais affligem a classe pobre do Rio de Janeiro, lido a 30 de Junho de 1835 pelo Exm. Sr. Dr. José Martins da Cruz Jobim.

O objecto de que se occupa este escripto já por si só abona a sua importancia: nelle o digno autor depois de tratar da topographia desta cidade, e deahi mencionar diversas causas de insalubridade, já ligadas ao terreno, já á negligencia dos cuidados hygienicos, tão menosprezados então entre nós, passa uma revista sobre as diversas affecções que nos atormentão, revista rapida, porém profunda, cuja leitura para nós foi de muito proveito, e termina estendendo-se algum tanto mais sobre a nossa oppilação, por elle denominada hypoemia intertropical. Não são ao autor necessarias nossas instigações afim de que elle prosiga na empreza de ser util á medicina, particularmente do nosso paiz, e terminando congratulamo-nos com elle pelos melhoramentos que a respeito da hygiene vão apparecendo diariamente entre nós, dando-nos mui fundadas esperanças de um venturoso porvir.

8. Eis-nos chegados a fallar de uma obra das mais importantes que se tem publicado nesta cidade, obra que deve ser meditada profundamente por todo o medico verdadeiramente amante da sua arte e do seu paiz; queremos fallar da *Memoria sobre o estado actual das Instituições medicas de França, Prussia e Gram-Bretanha, pelo Dr. Domingos Marinho de Azevedo Americano*: acabamos de lê-la com muita attenção, e profundamente impres-

sionados pela eloquencia e patriotismo que presidirão á factura de tal obra, muito duvidamos que o que sobre ella vamos dizer não seja extremamente indigno de tal assumpto. Essa Memoria compõe-se de quatro partes: na 1.^a o autor trata da organização do ensino medico em França e da administração dos hospitaes de Paris: na 2.^a trata desses mesmos objectos na Gram-Bretanha, e dá algumas noções sobre o estado da medicina na Prussia; na 3.^a trata das sociedades medicas da França e Gram Bretanha; na 4.^a faz uma comparação debaixo do sentido medico entre estes dous ultimos paizes, e tambem falla resumidamente sobre a nossa medicina. Não entraremos na apreciação dos motivos que presidirão á ordem para regressar, intimada ao autor, quando ainda elle alimentava desejos de se tornar mais util, porquanto isso nos levaria muito fóra do rumo que pretendemos seguir, e é mesmo questião em que por nosso gosto de maneira nenhuma jamais entraríamos. Dizer de quanta importancia é para um paiz como o nosso, ainda em sua infancia, ser illustrado sobre o estado dos outros mais adiantados, e ser illustrado de maneira a ficar ao facto do como nesses outros lugares o adiantamento chegou ao ponto em que se acha, é escusado; portanto não nos devemos cansar em mostrar a utilidade das tres primeiras partes e do primeiro objecto da ultima; sómente diremos que observar taes cousas e apresentar tão boas considerações a respeito como o faz o autor, é mais que sufficiente para ser seu nome collocado entre os dos verdadeiros patriotas, uma vez que tudo isso era sómente feito afim de poder applicar devidamente ao Brasil, como elle resumidamente o faz na ultima parte. Na verdade, entre nós ha urgente necessidade de reforma em todos os ramos da instrucção publica; e qual o ramo que mais consideração deve merecer ao legislador que a arte de curar? O Dr. Marinho aprecia devidamente o alto estado de adiantamento scientifico da Europa, sobretudo da França, paiz que tantas sympathias nos deve merecer; ao mesmo tempo cabalmente mostra os elementos de desordem existentes na medicina ingleza, dõnde resultou a reclamação por uma reforma a tal respeito; em tudo mostra-se profundo observador; mas, sem duvida levado pelo excesso de seu zelo, collocando a Europa talvez um pouco acima do lugar que lhe compete, deprime demaziado o Brasil. Amantes da nossa Patria, e sobretudo da verdade, releva que digamos que não estamos convencidos da realidade em todo o seu rigor do triste estado da instrucção com que os alumnos

das escolas de Medicina do Imperio recebem o gráo do Doutorado; parece-nos injusto que o Dr. Marinho diga que a maior parte dos jovens que se formão nesta escola saião sem saber em que zona vivem, como expressamente se diz na Memoria de que tratamos; igualmente não acreditamos que entre nós se baratêe tanto o elevado titulo de litterato que seja elle dado a pessoas que nem sabem o que é um thermometro. Ou estamos muito enganados, ou o Dr. Marinho quando falla do seu paiz, afflicto pelo estado de atraso em que o vê, penetra nos dominios da injustiça, e assim incorre na pécha de ainda augmentar a disposição para nos deprimir que se nota em escriptores estrangeiros menos amantes da equidade.

Sendo este objecto de summa importancia, seja-nos licito fazer uma ligeira digressão.

Lemos no folhetim do n. 41 da Gazeta Medica de Paris do anno de 1849 uma carta do Sr. Dr. Lucien Papillaud sobre o estado da medicina no Brasil, em resposta á refutação do Dr. D. D. Seja-nos permittido que cite-mos aqui alguns trechos dessa carta, a respeito dos quaes depois faremos algumas reflexões.

Diz o Dr. Papillaud:

« M. D. D. prétend que ce que j'ai dit ne peut s'appliquer qu'à la campagne; mais M. D. D. ne devrait pas ignorer que dans son pays, il n'y a dans la *roça* ni médecine ni médecins. (Je me trompe, il y a la médecine de Léroy, livre et remède.) »

Fallando da arte de partos, elle diz:

« Mais, hors des Facultés, il est de notoriété publique qu'en général les médecins brésiliens sont complètement étrangers à l'art des accouchements. C'est du reste une tradition bien connue de la mère patrie. Au Brésil il semble qu'un médecin s'abaisse en s'adonnant à l'obstétrique. L'ignorance des accoucheuses et leurs pratiques ridicules ne pouvant inspirer que du mépris, il semble qu'une partie de ce mépris rétombe sur l'art, qui est défigurée entre leurs mains. Du reste, ce préjugé qui éloigne les médecins brésiliens de la pratique des accouchements s'étend aux maladies de l'utérus, dont ils dédaignent aussi de s'occuper. »

Pouco adiante elle diz:

« Que les sages-femmes brésiliennes (qui sont ordinairement des mulâtresses et plus rarement des négresses), sont dépourvues des connaissances nécessaires à leur profession. »

Adiante elle diz:

« Ceux des *fazendeiros* qui ont un immense personnel en esclaves, ont quelquefois un médecin attaché à leur maison. »

Abaixo diz:

« A present la jeune médecine brésilienne suit les traces de la médecine française; elle est avide de progrès et de science. »

Algumas linhas abaixo:

« Un autre fait incontestable c'est que sur le rapport des idées, l'homme subit à un certain degré l'influence du milieu dans lequel il vit. Le médecin ne fait pas exception: élève, il arrive aux facultés avec les préjugés du toit paternel. Il laisse ce bagage à la porte, je veux le croire; mais une fois rentré dans la vie ordinaire, en contact avec le public, il s'accoutume, sinon à respecter, du moins à ménager les préjugés vulgaires, les idées banales, les erreurs traditionnelles, &c. »

Essa carta é digna de ser lida; seu autor parece ter muito bem observado o estado da medicina no Brasil, apesar do que não deixa de, em meio de grandes verdades, avançar cousas que não podemos deixar passar: não ha na roça nem medicina nem medicos! Entretanto alguns fazendeiros que cremos morão na roça, não consultão medicos quando lhes é isso de todo indispensavel; não, tem um medico encarregado de tratar dos seus doentes!

Que significa o parenthesis a respeito das parteiras no Brasil? Achamos tal modo de argumentar improprio de um medico, de um homem que por sua natureza deve ser completamente despido de prejuizos, para quem não devem existir essas barreiras que em outros tempos menos civilizados empecião a muita gente de occupar o lugar que lhes competia.

A joven medicina brasileira segue os vestigios da medicina franceza; ella é avida de progressos e de sciencia; entretanto, por um juizo são afastados os medicos brasileiros da pratica dos partos, e até das molestias do utero! Só porque as parteiras são ignorantes e sua pratica ridicula! Na verdade achamos difficil conciliar taes cousas.

O Dr. Papillaud pensa que o medico, nas relações constantes em que se acha por sua profissão, deve ser censurado porque respeita ou pelo menos contemporisa com os prejuizos vulgares, os erros tradicionaes, &c. Até agora nós julgavamos que era uma qualidade digna de louvor em um medico ter em alguma consideração taes objectos, mesmo para poder

preencher sua alta missão, e com o tempo poder desarraigar semelhantes prejuizos.

Concluindo, sentimos que o Sr. Dr. Papillaud se deixasse levar demasiado por essa disposição de que acima nos queixamos, e que isso viesse roubar muito ao merito real de suas idéas.

9. O Medico e o Cirurgião da roça. Novo Tratado completo de medicina e cirurgia domestica, adaptado á intelligencia de todas as classes do povo, pelo Ill.^{mo} Sr. Dr. Luiz Francisco Bonjean.

Comquanto não tenhamos tido vagar sufficiente para ler este escripto em sua totalidade, julgamos poder sobre elle escrever, que de maneira nenhuma levamos a bem taes publicações: ellas não satisfazem os fins que parecem ter em vista; o medico e o cirurgião da roça não devem differir dos da cidade, a saude do habitante dos campos deve em toda a parte merecer muita attenção, e muito mais entre nós, cujas riquezas em grande parte consistem em productos da agricultura. Estamos persuadidos que não é por meio de obras taes, que se é util ao povo; antes nos parece que elle perde com isso, e muito; como a nossa razão e pouca experiencia bem nos mostram. Assim, embora reconheçamos a intelligencia do Sr. Dr. Bonjean e a boa vontade de que elle se achava penetrado ao dar á luz esta producção de suas lucubrações, não podemos deixar de sustentar que elle errou o alvo que tinha em vista.

10. Compendio para o Curso de chimica da escola de medicina do Rio de Janeiro, pelo Ill.^{mo} Sr. Dr. Joaquim Vicente Torres Homem.

Que diremos nós desta obra pela qual estudámos, pela qual ainda hoje continuão os alumnos a estudar com aproveitamento manifesto? A sciencia da Chimica tem feito taes progressos, acha-se já tão vasta, que mister se faz a quem a queira estudar minuciosamente gastar nisso sua vida; tal dispendio de tempo é possivel a quem cursando os variados e numerosos ramos dos estudos medicos, tem de no fim de seis annos encarregar-se da saude dos povos? Impossivel: não é preciso portanto juntarmos razões nossas, para reforçar a favoravel idéa que de tal obra se faz, servindo para alguem mais difficil de contentar-se as razões allegadas por seu autor, no prologo que a acompanha.

11. Temos guardado para ultimo lugar o que tínhamos a dizer com relação ás publicações periodicas.

Entre ellas occupa alto lugar o Archivo Medico Brasileiro, cuja publicação

cessou em Setembro de 1848, não porque o seu Director e primeiro Redactor o Ill.^{mo} Sr. Dr. Lapa, se achasse sem coragem para continúa-la, mas sim por falta de meios, este mal que tantas vezes vem bater á porta da intelligencia e faze-la parar subitamente, em meio de seus nobres sonhos de gloria e felicidade.

Actualmente dous periodicos medicos publicão-se nesta cõrte e são:

1. Os Annaes de Medicina, redigidos pelo Illm.^o Sr. Dr. José Pereira Rego, homem bẽm conhecido por seus variados e sabios escriptos.

2. A Gazeta dos Hospitaes, periodico cuja existencia data do anno passado, redigido pelo Illm.^o Sr. Dr. Carlos Luiz de Saules.

Ambos estes periodicos vão passando calmos e recolhidos por entre o bulicio das numerosas publicações que objectos quiçá de muito menos monta quotidianamente fazem apparecer; em suas paginas vão se recolhendo factos e reflexões, e pouco a pouco vão elles introduzindo o gosto de tal genero de trabalhos: breve, graças a elles, esperamos não mais ver medicos escrever em o *Jornal do Commercio*, &c., &c.; para ali irão com seus talentos cooperarem para a grande obra de nossa emancipação scientifica, e não mui longe divisamos o dia em que nos poderemos collocar a par da illustrada França, da meditativa Allemanha e da pratica Inglaterra. Oxalá não sejamos enganados em tão bellas esperanças!

Tendo terminado o que podemos dizer ácerca da materia deste nosso terceiro ponto, mas mui longe estando de pensar ter esgotado o assumpto, antes pelo contrario conscios e confessando muito ter passado em silencio, sem que de nenhuma sorte seja isso motivado por pouco valor que tenham outros escriptos que não os de que acabamos de fallar, passamos a fazer algumas considerações que por estarmos profundamente convencidos da sua verdade, não podemos deixar de aqui expor.

Houve tempo em que o Brasil esteve isolado das mais nações; esse tempo felizmente já longe vai: já não existe no Brasil a escassez de meios de estudos que succedeu a esse primeiro periodo da nossa existencia. Debaixo de um governo sabio e amante do paiz, á sombra da arvore da liberdade que plantada alfim entre nós, parece ir perfeitamente vigorando e dando fructos, o Brasileiro mesmo sem sahir de sua patria póde cultivar as diversas sciencias: já professores abalisados entre nós existem. O Brasileiro não é privado dos dons da intelligencia, e comquanto alguem o supponha pouco apto para as sciencias em que a reflexão, em que a observação

fazem o primeiro papel, e sim sómente para os trabalhos que demandão imaginação, o Brasileiro, dizemos, é apto para cultivar a intelligencia em tudo aquillo a que póde o homem se applicar. De tempos a esta parte as sciencias, e entre ellas a de Hippocrates, tem tido muita aceitação entre nós, tem sido cultivadas por grandes homens, e duas escolas annualmente deitão de seu seio jovens avidos de saber, apaixonados pela sublime arte de curar.

Terminando este mais que imperfeito escripto, aproveitamos a occasião para agradecer ao Ill.^{mo} Sr. Dr. Francisco Freire Allemão a benignidade com que se dignou aceitar a presidencia desta nossa these.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Ad extremos morbos extrema remedia exquisitè optima. (Sect. 1.^a aph. 6.)

II.

Duobus doloribus simul obortis, non eodem loco, vehementior obsecrat alterum. (Sect. 2.^a, aph. 24.)

III.

Impura corpora quò plus nutriveris, eò magis lædes. (Sect. 2.^a, aph. 10.)

IV.

Mulieri, deficientibus menstruis, è naribus fluere sanguinem, bonum. (Sect. 5.^a, aph. 33.)

V.

In acutis morbis extremarum refrigeratio, malum. (Sect. 7.^a, aph. 1.^o)

VI.

In omni morbo mente valere, et bene se habere ad ea, quæ offeruntur, bonum est; contrarium verò, malum. (Sect. 2.^a, aph. 33.)

Esta these está conforme os estatutos.

Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1851.

DR. FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO.

ERRATA.

PAGINA.	LINHAS.	ERROS.	EMENDAS.
2	3	que de ordinario,	que, de ordinario
5	14	de acido	do acido
17	22	quaes os	quaes o
17	24	entendidos	entendidas
22	32	s'etend	s'êtend
23	28	um juizo	um prejuizo